

As Religiões Afro-Brasileiras na voz das mulheres lideranças em Juazeiro do Norte

Dra. Joselina da Silva*

Reginaldo Ferreira Domingos

Antonio Junior Sarmiento

Candomblé: Uma breve análise teórica

Prandi¹ discorre sobre a origem da religião de matriz africana, neste continente e sua necessidade de reestruturação e readaptação, no decorrer dos séculos instigada pela própria conjuntura sócio-cultural. O texto nos revela a metamorfose que se dá na religião trazida da África para as Américas pela necessidade de adequação ao contexto do tempo-espacial vigente. Ou seja, uma tentativa de entrar em sincronismo com a estrutura social atuante. O autor aborda, no primeiro momento, a relação entre orixás e natureza, ambos intrinsecamente ligados. Paradoxalmente, a natureza fornece meios para subsistência, ao mesmo instante que com sua fúria pode dificultar a sobrevivência humana, ou até mesmo privá-la da vida por meio de suas forças causadoras de desastre. Dessa forma surgem os mitos.

O passo seguinte, trabalhado por Prandi², refere-se aos espíritos da natureza que cultuados como divindades serão posteriormente conhecidos como orixás possuidores de poder para gerir e controlar as ações da natureza. Enquanto alguns orixás serão responsáveis para garantir a proteção dos indivíduos por meio do controle das forças naturais, outros serão responsáveis por guardar montanhas, águas e flora. No Brasil houve uma acumulação de “cargos”. O orixá que antes tinha o domínio de um campo bem limitado adquiriu atributos que não estavam em seu poder quando residente nos rituais “legitimamente” africanos.

* Prof. Dra. Joselina da Silva - UFC/Cariri
Graduando Filosofia – UFC/Cariri
Graduando Biblioteconomia – UFC/Cariri

¹ www.okitalande.com.br (2005)

² idem

Segundo Prandi³. A expansão territorial e as novas conquistas em terra também ajudaram na fusão e disseminação de orixás por boa parte do território africano. Essa mesclagem cultural e religiosa de povos africanos levou conseqüentemente a um afastamento da natureza e uma aproximação do mundo físico dos homens. Assim, de mediadores da natureza passaram a reguladores das relações sociais. Com a chegada dos africanos na América, vindos de diferentes locais da África, os orixás de diversas regiões passaram a ser cultuados juntos nos mesmos locais de culto.

Neste sentido, percebemos que a religião dos orixás, no Brasil, foi refeita por afro-descendentes que no século XIX viviam nas grandes cidades da costa, extremamente urbanizadas, na época. No Brasil, na religião africana as alusões à natureza são simbolicamente cultivadas. O uso das plantas são para lavar, sacralizar os objetos dos rituais, purgar cabeça e corpo, curar doenças e afastar os males. Com o crescimento das cidades, grandes áreas foram se urbanizando não deixando espaço para a plantação. A tentativa de dar continuidade aos cultos e o uso das ervas fez com que os seguidores plantassem em seus quintais as ervas sagradas, ou em sítios afastados. Quando não há possibilidade de cultivá-las, as ervas podem ser compradas em mercados, locais especializados. Isso é uma pura e clara forma de resistência.

Sodré (2006) por sua vez referindo-se ao candomblé na Bahia, segue esta análise destacando que a afirmação do negro, não se deu de forma pacata. O negro soteropolitano não teria aceito pacificamente as ordens de uma classe dominante capitalista. Em todo o país, a resistência se deu – de maneira diferente – em acordo e em sincronismo com a sua conjuntura, cada qual com suas peculiaridades. Em Salvador essa resistência também será bem significativa e expressiva. Não podemos esquecer também a reciprocidade existente entre a religião e a sociedade. Ou seja, ao mesmo instante em que a religião sofre influências da cultura, sociedade, política e economia, ela atua diretamente nesses. A existência da religião e da conjuntura é mutuamente dependente.

O candomblé em Juazeiro do Norte: algumas reflexões

³ idem

Juazeiro do Norte, localizada no sul do estado do Ceará, recebe peregrinações de todas as partes do Nordeste em pagamento de promessas e em louvor ao padre Cícero. A cidade vive em função desse papel místico-religioso, com artesanato de santos feitos em cerâmica, madeira e tecidos. Neste ambiente, o candomblé acaba por ser invisibilizado como manifestação de um número expressivo de seguidores.

O candomblé na cidade – surgido com uma das casas que hoje completam trinta anos de fundação – tem se mantido através de oito casas de culto, ou barracões como chamados na região. Destas, sete são da nação Angola e uma da nação Keto. As raízes de referências são oriundas da Bahia. Nossas visitas e conversas com as lideranças femininas tem demonstrado, que há pouca receptividade da sociedade juazeirense para com as casas de culto de matriz africana. Embora, evitando dar maior ênfase ao fato, algumas de nossas informantes falam da presença de policiais – em algumas ocasiões – propondo-se a mandar encerrar os momentos de função religiosa diante da argumentação de estarem desrespeitando as leis relativas ao silêncio. Outra informação nesta ordem refere-se a momentos em que são interrompidas oferendas em áreas públicas, pela mesma força policial.

Outro dado marcante é o número expressivo de praticantes das religiões afro-brasileiras, na cidade, que não revelam aos seus familiares sua inserção no candomblé. A explicação repousaria no medo destas pessoas diante da retaliação advinda de um grupo familiar tradicionalmente oriundo das religiões cristãs. Ainda assim, as mulheres têm papel preponderante na manutenção da existência do candomblé em Juazeiro do Norte. Os cargos, as posições nobiliárquicas e as hierarquias tradicionalmente legadas às mulheres nas religiões afro-brasileiras são mantidas ali. Ou seja, embora a ambiência da seja publicamente voltada aos cultos católicos, a pesquisa nos indicou que esta não demonstra uma interferência expressiva na forma de realização das atividades concernentes às práticas das religiões de matriz africanas, no interior de cada barracão. Ainda que as condições externas sejam inóspitas, quando comparamos os escritos sobre outras regiões e os dados obtidos, o candomblé de Juazeiro do Norte – nos seus ritos sagrados – tem conseguido se manter como fonte de resistência afro-feminina.

As mulheres no candomblé de Juazeiro do Norte

Siqueira (1995) mostra a quebra de um paradigma desvelando que a mulher negra continua tendo relevância quando se trata de preservação, reconstrução e transmissão dos conhecimentos das religiões africanas, perpassando o campo litúrgico e influenciando o contexto histórico social. Ou seja, essas mulheres no mesmo momento em que ensinam o processo da religião às suas filhas e filhos também ensinam como eles e elas devem se comportar dentro do padrão moral predominante e estabelecido pela sociedade, numa clara relação de poder (Durkheim, 1983). Aqui o espaço religioso e o espaço “profano” se confundem. Esses refletem uma interação e uma influência dessa mulher na conjuntura fora do terreiro, como nos diz uma liderança feminina entrevistada por nós:

Eu acho que a primeira coisa é a conduta que tem que ter dentro da casa, e o respeito. E que a religião em si, o candomblé, é uma religião de família, e depois alguma coisa que possa fazer para ajudá-los a prosseguir tanto dentro como fora da nossa casa.

A resistência feminina para com a manutenção, preservação e continuidade de sua cultura é sentida e conseqüentemente refletida nos mais diversos setores da sociedade. A iyalorixá, mãe de santo - elo entre o mundo espiritual e o material - conduz com responsabilidade a casa e inicia suas filhas e filhos (Siqueira, 1995). A chama mais forte de um terreiro, na ordem hierárquica está no topo da pirâmide, uma vez que detém, controla e reproduz o poder/saber adquirido ao longo dos anos de vivência dentro do santo (Carneiro e Curi, 2004). Intermediária entre os orixás e os humanos, ela tem o poder de conduzir, encaminhar por meio do axé, suas filhas e filhos para o início da vida dentro da religião. Possui o axé, a força recebida ao longo do tempo que permite a iyalorixá sobrepor todos que fazem parte da família de santo. Entretanto, deve-se salientar que ela participa concomitantemente dentro e fora do espaço religioso. As lições atingem até mesmo o espaço moral da sociedade, assim nos uma das nossas entrevistadas:

Eu sempre digo você pode ser o que for, mas primeiro você tem que ter caráter, então se você é do candomblé ou de qualquer outra religião você tem que ter acima de tudo caráter...

Não se pode deixar de lado o fato de que entre as mulheres da religiosidade africana há uma ordem hierárquica (Carneiro e Curi, 2004), que determina as funções dentro do terreiro. Porém isso não significa dizer que elas se ausentem totalmente das atividades que não lhe são atribuídas. Pode haver participação indireta em outros setores que não de sua especialidade. A iyalorixá informa as cozinheiras – iyábase – como se devem preparar as comidas para os orixás. Segundo Siqueira (1995), ela acompanha os preparativos das festas ou dos cultos desde a cozinha até o barracão. A hierarquização segue a ordem geral dentro da religião, uma vez que a divisão na estrutura feminina é determinada por seus saberes e a fazeres. Escolhidas pela vontade dos orixás, tomam para si a responsabilidade no interior de suas próprias comunidades segundo competências individuais junto a diferentes âmbitos. Nessas funções se dedicam com todo o vigor e vontade que lhes são permitidas, “incorporando” expressivamente no seu cotidiano. Buscando estar ao máximo em consonância com sua imagem idealizada na figura do orixá com a qual se identifica.

Assim, estas religiões de matriz africanas que se conservam em constante diálogo – readaptável, reestruturável e simbolicamente interligado – com a sociedade e a cultura na qual são praticadas, também atuarão de modo análogo quando nos propomos a observar suas práticas lideradas por mulheres e suas filhas espirituais. Ou seja, diante da estreita proximidade e intertextualidade entre sagrado e profano – aqui apontado por Prandi⁴ e Sodré (2006) – também no que concerne à prática de vida e experiência religiosa das mulheres das religiões de matriz africanas se darão na permanência do cotidiano individual e coletivo das mães e filhas de orixás, na transmissão do conhecimento, como dito anteriormente.

O candomblé tem uma certa “flexibilidade” com rela o aos outros setores sociais, pois por meio da inclusão na religiosidade de matriz africana, é que alguns setores da sociedade marginalizados encontram respostas para suas angústias geradas pelo contexto social dominante (Carneiro e Curi, 2004). A mulher, uma das mais marginalizadas, procurar  no candomblé o conforto, o aconchego, o colo que essa mesma sociedade não lhe oferece. Porém, as autoras salientam que o candomblé não é

⁴ www.okitalande.com.br

um setor isento de poder e hierarquização, e como tal – assim como confirma Foucault (1985) – também está sendo mantido por uma relação de poder configurável nas mãos das mães e pais-de-santo. Estes sendo no mundo do candomblé a hierarquia maior e responsável por mediar os problemas e soluções surgidos no âmbito do sagrado. Responsáveis também por transferir os conhecimentos aos filhos e filhas de santos. Nestas duas figuras – mãe-de-santo e pai-de-santo – cargos máximos dentro da roça se expressam com todo fervor a relação do micro poder como diz Foucault (1985).

Concentrando-nos nas ponderações de Carneiro e Curi (2004), ambas deixam claro que o candomblé, nos seus mitos ou nas ações concretas executadas pelos filhos e filhas, apresenta modelos exemplares da relação – de submissão do masculino sobre o feminino. A semelhança surge no momento em que a mulher no seu dia-a-dia faz atividades iguais as que são feitas nos ambientes sagrados de culto, no terreiro. Neste sentido, nos diz uma das mães de santo de Juazeiro do Norte:

O que passa para uma iaba, que é a mulher, se passa para um oco, que é o homem, um irmão é uma família, não pode namorar um irmão com outro irmão.

A mulher tem na vida doméstica afazeres que se aproximam da vida no candomblé. Por exemplo, em dias de festas as mulheres são as únicas responsáveis pela preparação das comidas dos orixás. Essas chefas de cozinhas são conhecidas no candomblé como Iyábase. Neste tipo de atividade é imprescindível a presença feminina. Aqui também é demonstrada concomitantemente a relação de poder e hierarquização, pois o cozinhar para os orixás é função indubitavelmente dela. Mãe, pai, filhas ou filhos de santo não poderão executar essa tarefa. Ou seja, a especialização é mantida revelando a relação de poder e ordem hierárquica, e também a proximidade entre mundo material e espiritual do candomblé. Como retratado na fala de uma mãe de santo de Juazeiro do Norte:

Assim como o homem a mulher é muito importante, por que nem todo homem pode fazer tudo que uma mulher faz e nem toda mulher pode fazer tudo que o homem faz... uma mulher não pode tocar. Em compensação o homem normalmente não cozinha, e em determinados rituais os homens não dançam e então se não tiver a gente pra dançar e quem vai dançar?

Em um só exemplo percebemos três pontos essenciais: primeiro poder, segundo hierarquia e por último a mútua interação entre cotidiano do mundo material e mitologia. Na mitologia do candomblé, a mulher não é vista como algo inferior ao homem. As autoras nos revelam o caráter “acolhedor” do candomblé, pois este será um ambiente de presença “eminente feminina, embora o elemento masculino nela não estivesse totalmente excluído” (Carneiro e Curi, 2004, p.117). Lembremos-nos, no entanto que este espaço não estará totalmente isento de poder e hierarquia, como vimos em nossa pesquisa, através da voz de uma liderança afro-brasileira.

Olha é um papel importante, por que a iabá que é a mulher, ela se torna mãe, ele tem vários cargos dentro assim como a iabá. Uma mulher pode ser uma yalorixá que é como eu que é virante, pode ser uma ekedi, pode ser uma mãe pequena, que toda barracão é muito importante ter uma mãe pequena, mãe criadeira que é mãe cota da casa. É muito importante iyábase que é a cozinheira do orixá. E a Ekedi também que é muito importante, que a ekedi, a mãe ekedi é quem veste o orixá, e se não tem a agibunã que é uma pessoa que é preparada só pra dançar com o orixá, a ekedi faz esse papel faz esse papel, ela tanto veste o orixá como ela dança é uma autoridade no barracão.

O universo dos orixás femininos se confunde com os filhos, filhas, mães e pais de santos os quais “cedem” seu corpo, como matéria possuída em um transe (Carneiro e Curi, 2004). Ai existe uma confusão entre quem é o orixá ou quem é a matéria, o corpo cedido. Lembremos-nos como vimos anteriormente que o orixá possui características próprias que se relacionam diretamente com a sociedade. Assim se expressa o mundo feminino do candomblé.

Carneiro e Curi (2004) apresentam a relação do poder/saber, pois estes estão ligados consequentemente e incomensuravelmente levando o detentor ou detentora do mesmo a ter o controle e a “gestão” na casa de culto. Esta faculdade adquirida estratifica, fragmenta e hierarquiza a ordem dentro do candomblé. Ambos estão estritamente ligados e dependentes, numa mútua e auto-sustentação. Ou seja, o conhecimento leva à detenção e domínio do poder. Este, caminho para a ascensão na ordem sócio-econômica material..

Conclusão

O candomblé será a força expressiva, mesmo se dando no âmbito religioso ele atingirá os mais diversos campos sociais. As raízes africanas se mantêm no Brasil se adaptando ao contexto tempo-espacial. Assim, se percebe a importância da hierarquia, o quanto é fundamental o tempo de vivência dentro do culto, que ocasiona acúmulo de informações, para quem ocupa cargos honoríficos, recebendo reverência especiais e respeitadas, tarefas importantes e secretas do culto, credibilidade e uma relação de liderança e poder sobre os demais dentro do conjunto que forma a casa, terreiro ou a roça, como é mais conhecida em Salvador. Enquanto em Juazeiro do Norte o local de culto passou a ser chamado de barracão.

É conferido à ialorixá a “dádiva” do conselho, do segredo da sabedoria, da prudência, e a capacidade de ajudar as pessoas a melhor se estabelecerem na vida (Siqueira, 1995). Essa reinvenção reforça conteúdos de grandeza pessoal cultiva o indivíduo. O candomblé será visto como um setor, um ambiente de “amparo”, acolhimento para aqueles que foram marginalizados pela sociedade capitalista e excludente. O candomblé com sua toda complexidade consegue obter “respostas” para aquelas indagações, instigações que muitos procuram. Mesmo com uma complexidade simbólica, em que funde natureza e orixás, material e espiritual, religioso e profano, o candomblé chega a ter respostas para alguns (Sodré, 2006).

Dessa forma, nota-se a participação e interação da mãe de santo que vai além do ambiente religioso, revelando ação direta da mulher afro-brasileira no contexto social ao qual está inserida. Circunstância essa, que por sua vez é um emaranhado de relações sociais e conseqüentemente possuidora de uma diversidade de sujeitos que buscam uma inserção na sociedade que a marginalizou. Inclusão social que em alguns casos tem a mulher negra do culto religioso africano como fio condutor. O sentimento de pertença e aproximação da mulher negra com a mitologia e a ritualidade religiosas afro-brasileiras transporta o poder até as mãos da mulher fazendo com que ela participe direta e indiretamente na construção e reconstrução da sociedade afro-descendente. No que se refere a Juazeiro do Norte observamos que gerindo e praticando rituais, a mulher no interior das casas tem direito – resguardando as devidas proporções e limites – igual ao homem neste fragmento social religioso africanista.

Mas o poder feminino zelador do terreiro ultrapassa algumas fronteiras violando limites morais da rotina. Ao mesmo tempo em que a sociedade recorre aos poderes femininos também há a rejeição, discriminação. Estigmatiza-a como mulher macumbeira, frágil, incapaz de superar o homem e insipiente. Um paradoxo expressivo na estrutura social predominante. Onde a presença masculina dos grandes líderes nordestinos – Padre Cícero, Antonio Conselheiro, Patativa do Assaré, Lampião entre outros é muito significativa na região.

Na discussão emergida por Carneiro e Curi (2004) observamos a relação existente entre o poder e a hierarquização da mulher na religiosidade de matriz africana. Como observa Foucault (2004) a relação de poder está imbuída entre todos os setores da sociedade, pois é a partir desse poder que a estrutura se mantém. O poder, continua Foucault (1985), se dá num caráter micro. Ou seja, em todos os setores sociais encontramos a relação poder. Assim, também o candomblé é um ambiente que caracteriza o micro poder, pois se dá uma relação de poder bipolar, ou seja, entre o feminino e o masculino. Uma outra relação de poder se confirma na forma de hierarquização existente nessa religião de matriz africana. É importante ressaltar que essa mesma relação de poder se confunde na medida em que é encontrada tanto no candomblé quanto sociedade. O cotidiano se confunde com a prática religiosa. E neste sentido, conforme vem demonstrando a pesquisa, Juazeiro do Norte também pode ser considerada a cidade das vozes de mulheres na transmissão das religiões afro-brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Magali da Silva. **Algumas reflexões sobre o candomblé de Queto**. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende., (org). **Educação, cultura e literatura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

AZEVEDO, Célia Maria M. de. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. São Paulo: Paz e terra, 1989.

CARNEIRO, Sueli; CURI, Cristiane. **Poder feminino no culto dos orixás**. In: NASCIMENTO, Eliza Larkin. (org). **SANKOFA: resgate da cultura afro-brasileira**. 2ª vol. Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala à colônia: momentos decisivos**. São Paulo: Grijaldo, 1982.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. 2ª ed., São Paulo: brasiliense, 2001.

DURKHEIM, Émile. **O que é fato social: as regras do método sociológico**. São Paulo: Abril, 1983.

ESTANISLAU, Lídia Avelar. **Feminino Plural: negras do Brasil**. In: FONSECA, Maria N. Soares, (org). **Brasil Afro-brasileiro**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

EURIPEDES, Funes. **Negros no Ceará**. In: SOUZA, Simone de., (org). **Uma nova História do Ceará**. 3ª ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11ª ed. Tradução de: Laura Faga de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Graal,1985.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Pallas, 1999.

JESUS, Jayro Pereira de. **Terreiro e cidadania: um Projeto de Combate ao Racismo Cultural Religioso Afro e de Implantação de Ações Sociais em Comunidades-terreiros**. In. **Racismos Contemporâneos**. Organização Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

MACIEL, Cleber da Silva. **Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1927)**. Campinas: Unicamp, 1987.

SANTOS, Descoredes M. dos. & SANTOS, Juana Elbein dos. **A Religião Nàgo Geradora e Reserva de Valores Culturais no Brasil**. In: Análise e Dados. Salvador, CEI, v.3,n.4,p.47-55,mar.1994.

SIQUEIRA, Maria de Loudes. **Iyámi, Iyá agbás: Dinâmica da Espiritualidade Feminina em Templos Afro-baianos**. In: revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ. V.3, N.2, p.436-445.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SODRÉ, Jaime. **A influência da religião afro-brasileira na obra escultórica do mestre didi**. Salvador: EDIFBA, 2006

WEB

www.okitalande.com.br